

O reino de Portugal, enfraquecido por vinte e oito anos de guerra na luta pela restauração da independência, enfrentava uma calamitosa situação com penúria de gentes, armas e dinheiros. As nossas possessões ultramarinas estavam a ser cobiçadas, atacadas em todas as frentes pelas potências imperiais europeias e pelos reinos locais que tentavam tirar proveito da debilidade das nossas forças e da cansada e reduzida dimensão da frota marítima.



coleção A HISTÓRIA DE PORTUGAL EM ROMANCES

*Venha descobrir a nossa História,
não no tom pesado dos historiadores, mas pela
pena inspirada dos grandes romancistas.*

*Nove séculos e um mapa-mundo inteiro
são a tela desta coleção, preenchida de
momentos épicos e uma alma muito maior
do que um pequeno país poderia almejar.
Quem melhor do que um bom romancista
para passar esses momentos ao papel?*

*A História de Portugal em Romances
é uma nova forma de descobrir
a nossa História e o prazer da leitura.*

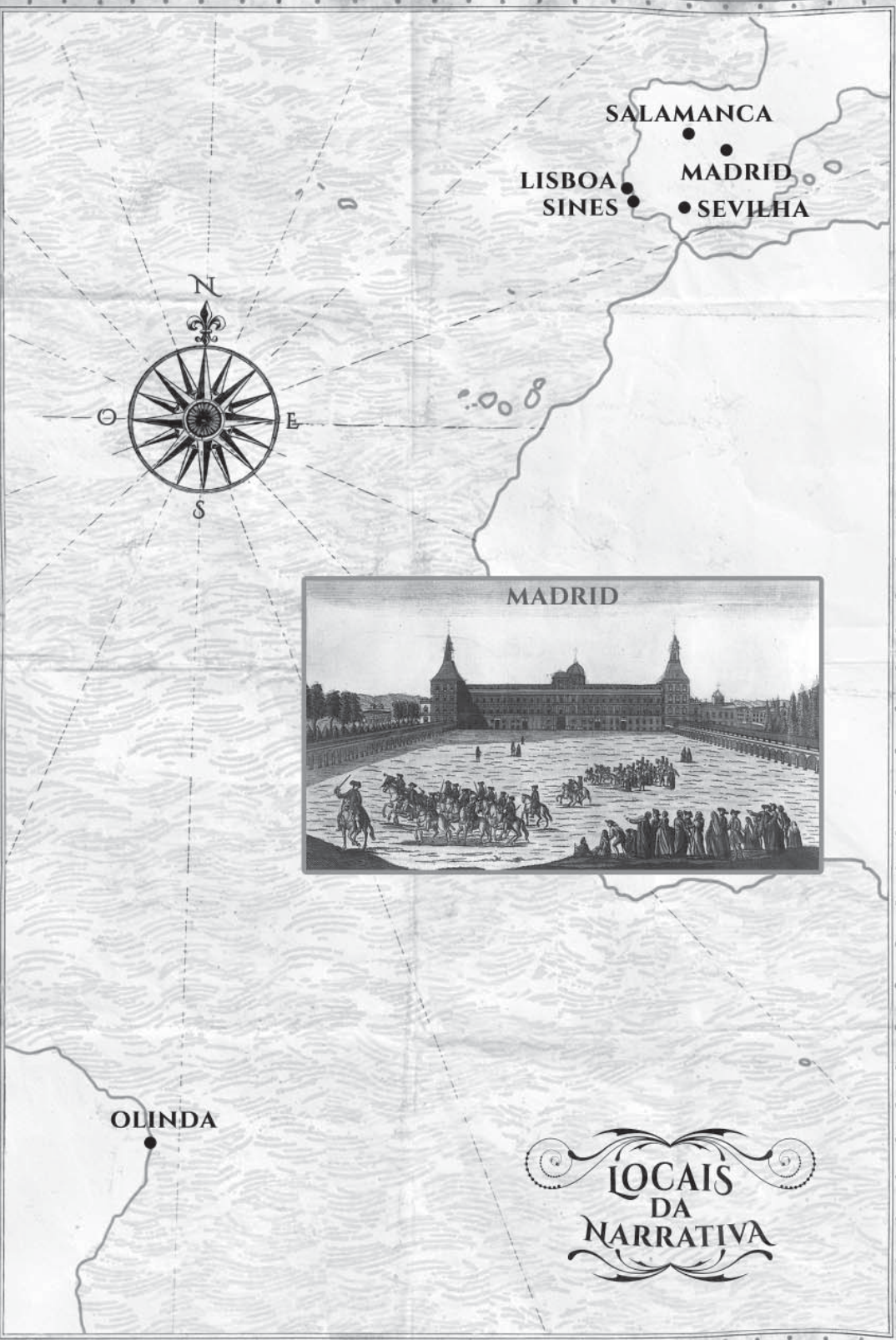
a tomada de madrid



a tomada de madrid
mário silva carvalho



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



MADRID

OLINDA

LOCAIS
DA
NARRATIVA

NOTA DO AUTOR

Vou pedir que me acompanhem nesta viagem. Vamos descer a vertiginosa escadaria do tempo, proponho só pararmos em Lisboa nos primeiros anos de mil e setecentos.

Estamos a entrar no grande Tejo pejado de mil barcos. O movimento desmesurado de naus de bojos largos e amuradas altas é acompanhado de muito perto pela presença das fragatas de guerra inglesas e holandesas eriçadas por centenas de canhões.

As instruções dos contramestres, disparadas com vozes roucas, incitando a marinagem, tocadas pelas brisas do norte, fazem chegar-nos vozeares estranhos.

Carros de bois, carroças e churriões aguardam, com a impaciência natural das bestas de carga, a sua vez para receber a fatia do fardo que lhes coube transportar. Os condutores, carreiros, moços de sogá, carregadores castigam sem piedade os animais. Os eixos das rodas, vergados pelas cargas, cham de dor.

Três naus imponentes alijam enormes canhões, trasfegados para terra à força de braços, cordas e incentivos ásperos às pobres bestas, que enfincando as patas nos lodos das margens os vão arrastando, a palmo, incitadas sem piedade por aguilhadas e chicote.

Com as proas encostadas ao cais, galeras de tamanho que o povo

do rio nunca havia visto, são desembarcados cavalos que relinham de ansiedade por chegar ao chão firme.

Do cavername das altivas fragatas não param de descer militares carregados de armas que acodem desejosos de mostrar a valentia e a fome pelas riquezas que lhes prometeram.

A cidade é cruzada por lingüarejares desusados de homens de pele clara com barba de muitos dias, envergam fardas gastas, desbotadas por mil combates, buscam com alarido as fontes que lhes prometeram que nesta terra jorravam vinho.

O Portugal cansado que vos convido a visitar continuava a mostrar na pele e na barriga as duras mazelas que uma longa guerra com a vizinha Espanha o obrigou a atravessar. A luta pela Restauração da Independência que se iniciou com gritos de sangue e fogo em dezembro de mil seiscentos e quarenta só acalmou com o tratado de paz, lavrado em Lisboa, depois de vinte e oito anos de lutas e sacrifícios.

Reina na nossa terra o senhor D. Pedro II. Foi ele, como regente, que lavrou os acordos de paz que obrigaram o poderoso vizinho a desferrar as suas pesadas botas que, desde mil quinhentos e oitenta, amachucavam esta martirizada pátria, ainda a chorar por D. Sebastião e pelos mortos de Alcácer Quibir.

De todo o vasto império chegavam gritos de alerta e pedidos pungentes pela salvação. O domínio dos Filipes, da casa de Habsburgo, e as guerras para que fomos arrastados levaram à perda de muitas das possessões distantes que com tanta dor fomos construindo. As sementes do renascimento e da restauração de Portugal em campos empapados de sangue, luto e fome dificilmente germinavam. As perdas sofridas, só com sofrimentos sem medida, foram, em parte, retomadas para a nossa bandeira.

No ano de mil e setecentos, depois de um longo período de doença e sofrimento, morreu o rei espanhol Carlos II, *o Enfeitado*, tantas foram as desgraças da sua vida. A sua herança era vasta: o trono de Espanha, os reinos de Nápoles, Sicília, Milão, Países Baixos Espanhóis e um vasto império colonial. Sem deixar descendência direta, mas com parentes em muitas das casas reais europeias, lavrou, ou escreveram por ele, um testamento, indicando como seu sucessor Filipe de Bourbon, duque de Anjou, neto do rei Luís XIV de França, *o Rei Sol*.

O equilíbrio das potências europeias parecia correr riscos.

As pujantes coroas francesas e espanholas ficariam sob a liderança da mesma família. A dezoito de fevereiro de mil setecentos e um, o duque de Anjou, com o apoio do papado e da maioria das famílias nobres de Castela, foi empossado rei de Espanha, com o título de Filipe V.

O imperador da Áustria, Leopoldo I, entendeu defender os direitos à coroa espanhola do seu filho Carlos, o arquiduque da Áustria, mobilizando para a sua causa os reinos da Holanda, Suécia, Dinamarca e a maioria dos principados alemães.

Guilherme III, o monarca reinante nas Ilhas Britânicas, aceitou e reconheceu Filipe V.

Sem a participação ativa da poderosa Inglaterra, a situação parecia encaminhada para a estabilização política a contento do monarca de França. Em março de mil setecentos e dois, faleceu o rei de Inglaterra.

Ana Stuart, cunhada de Guilherme III, foi empossada como rainha. Não levou muito tempo a alterar o rumo de Inglaterra, a lavrar um acordo e a avançar com uma coligação com Leopoldo I e os seus aliados.

O cenário da luta pela descendência da coroa espanhola sofreu uma mudança decisiva, a nova rainha entendeu advogar e assumir a todo o custo, confrontando a França, a nomeação do arquiduque da Áustria, filho do imperador Leopoldo I, como o herdeiro natural do falecido rei espanhol.

Em maio desse ano, a Inglaterra, Áustria, Holanda e mais aliados declararam guerra à França. Reivindicavam o direito de Carlos, o arquiduque da Áustria, à coroa de Espanha.

Ergueram-se duas grandes barricadas por toda a Europa.

D. Pedro, rei de Portugal, fez tudo para não ser envolvido na áspera quezília que as mais poderosas casas reinantes europeias desenhavam.

Começou por assinar um tratado de paz com a França, reconhecendo como rei de Espanha o duque de Anjou, neto do grande *Rei Sol*. Com este passo diplomático agradaria ao rei de Inglaterra, que optara por não interferir na dura pendência que ameaçava rasgar a Europa e desenhava novas fronteiras de influência.

A subida ao trono da rainha Ana Stuart e os pendões de guerra que entendeu erguer obrigaram, coagiram, o rei de Portugal, em defesa do império, a mudar de posição e a apoiar o pretendente que a

Inglaterra, com as suas poderosas esquadras, que a faziam dona dos mares, defendia.

Os gritos dos combatentes, os cavalos em galope de raiva, o trovejar de mil canhões cruzaram vários países da Europa.

Portugal, vizinho da Espanha, não podia fugir aos confrontos, as nossas terras depressa se transformaram num enorme campo de batalha.

A fome e a morte voltaram a bater à porta dos portugueses.

É neste cenário que entendi revelar a história de um combatente nessas guerras e noutras que se seguiram. Tudo começou do outro lado do mar, na terra mais bonita do grande Brasil.

Olinda! Foi a doce Olinda que viu nascer Francisco de Brites.

Deixo o testemunho das andanças da vida, da guerra, do sofrimento e da sua paixão sem medida por uma donzela, com uma mantilha descuidada, que avistou num mirante junto ao rio Tormes, nos arredores de Salamanca.

Convido a que me sigam... Escutando as suas palavras.

INTROITO

Foi aqui nas terras de Olinda, Pernambuco, que eu nasci. A pouca sorte levou a minha mãe, acometida por febres malignas ainda era eu muito menino. O meu pai, de que tomei o nome por inteiro, serviu D. António Albuquerque Coelho de Carvalho, no tempo em que foi governador do estado do Maranhão e Grão-Pará, como oficial comandante da guarnição militar.

Numa incursão nas Amazónias, depois de duros combates com os índios aruaques, o governador adoeceu com gravidade, acometido por sezões violentas. O meu pai tomou a carga a defesa da retaguarda das forças, permitindo que D. António de Carvalho pudesse ser retirado em segurança.

Com custo e muito sangue, conseguiram travar e desbaratar os ferozes gentios. No regresso, a embarcação em que seguia com um punhado de valentes soldados perdeu-se junto à ilha de Urucuri, na foz do rio Xingu, não se salvando ninguém no naufrágio. Pouco valeu o empenho e esforço do governador, que mandou seguir em socorro todos os barcos de que dispunha. Bateram da forma possível o emaranhado das margens, nenhum corpo foi recuperado, tudo sumiu levado pelas águas do grande rio-mar.

...

D. António de Carvalho, conhecedor do meu desamparo, em reconhecimento da forma subida e honrada que o meu pai por muitos anos o serviu, tomou a seu cargo a minha criação.

Juntou-me com um filho, a que deu o seu nome, nascido de uma mãe escrava parda. Fomos educados por religiosos franciscanos, crescemos como irmãos em Santa Cruz do Cameté, nas margens do rio Tocantins.

Andava pelos dezoito anos quando vi partir para Lisboa o meu irmão adotivo, acompanhava o pai, que voltara a adoecer com gravidade durante uma nova incursão pela foz do rio Amazonas. Regressava ao reino para se restabelecer das graves e demoradas mazelas que há muito o atormentavam.

Finalmente, no ano de mil setecentos e um, cheio de sede de bem servir o nosso rei, tomei para Lisboa a nau *Nossa Senhora da Assunção* com destino ao serviço das armas.

Mal desembarquei segui para o Alentejo, colocado como tenente na guarnição da vila de Sines. Fui servir o meu protetor e padrinho, D. António Carvalho, que no tempo da sua chegada a Lisboa fora nomeado alcaide-mor daquela fortaleza e de todos os fortins da costa num raio de muitas léguas.

Nas campanhas militares que se seguiram com a Espanha, prestei serviço sob as ordens de D. João de Sousa, tenente-general de cavalaria, segundo filho de D. António Luís de Sousa, o marquês das Minas, comandante-chefe do exército português.

Particpei na gloriosa e heroica façanha militar que culminou com a conquista da cidade de Madrid.

Em Salamanca, por um acaso do destino, cruzei o caminho com o de uma formosa donzela por quem me enamorei sem medida, num caminho de paixão, incerteza, sofrimento e infortúnio.

Muitos anos volvidos: cansado, velho, amargo e mutilado, retornei ao Brasil, à minha casa de Olinda. Fui em peregrinação à Igreja de São João Batista dos Militares, onde repousa em campa simples a minha mãe, que mesmo estando longe todos estes anos recordei. Prometi, sob juramento por minha honra e pela sua saudosa memória, nunca mais a abandonar.

Visitei na Câmara de Olinda D. Henrique Luís Pereira Freire de Andrada, o governador e capitão-geral de Pernambuco. Fui recebido com palavras elogiosas e muitas honras. Ofereceu-me tarefas e cargos de muito valor, disponibilizando uma ala do Forte de São João Batista do Brum, no Recife, para os meus aposentos.

Com boas maneiras e agradecimentos fui recusando as benemerências que me pretendia conceder. Contei-lhe da vontade de me recolher ao Convento de São Francisco. Fez chamar de imediato à sua presença o secretário da câmara e da vedoria geral, José Duarte Cardoso, ditou uma carta dirigida ao frei superior a interceder que me fosse concedido o direito a tomar uma cela arejada virada para o mar.

Ofertei uma avantajada esmola ao convento, lavrei, por minha exclusiva vontade, testamento em tabelião oficial, nomeando a Ordem de São Francisco como legatária universal.

Instalado, rodeado dos cuidados dos irmãos franciscanos, ganhei saúde, paz, alegria e vontade de viver. Até a fé de que andava tão arredado e esquecido voltou ao meu coração.

Ouvido em confissão, aqui ao lado na Capela de São Roque, desabafei com o meu dedicado confessor, revelando que sentia vontade de passar à escrita as divagações da minha vida.

Alguns dias depois, fui abordado por um irmão franciscano que se ofereceu para servir de escrivão para os dizeres que tenho guardados nos olhos e bem trancados no fundo dos pensamentos.

Apesar de ter recebido ainda menino o ensino cuidado das letras, por ter ficado sem o braço direito no terço final dos meus dias, a que se somaram mazelas que as desditas do tempo foram oferecendo ao braço canhoto, perdi por completo o engenho de bem escrever.

Aceitei a vontade de Deus e, encontrada a forma que permitia ao irmão frade conciliar as suas santas tarefas com o meu desejo, comecei a ditar-lhe as andanças de todos estes anos.

Deixo, com toda a verdade, este testemunho da minha vida de armas, dos amores por uma nobre donzela de Salamanca e por quem...

Mais à frente vos contarei.

No tempo que cheguei à vila de Sines, senhoreava em Portugal D. Pedro II, último dos sete filhos de D. João IV. Havia conseguido, ainda como regente, lavrar um acordo de paz com Espanha, pondo fim a um longo período de combates e incertezas.

O reino de Portugal, enfraquecido por vinte e oito anos de guerra na luta pela restauração da independência, enfrentava uma calamitosa situação com penúria de gentes, armas e dinheiros. As nossas possessões ultramarinas estavam a ser cobiçadas, atacadas em todas as frentes pelas potências imperiais europeias e pelos reinos locais que tentavam tirar proveito da debilidade das nossas forças e da cansada e reduzida dimensão da frota marítima.

O esteio primeiro da salvação foi o Brasil; a produção do açúcar de cana, a exploração do pau-brasil e de muitas outras madeiras valiosas foram o rio estreito que foi alimentando a guerra e as bocas esfomeadas deste reino. Com a notícia da descoberta de minas de ouro e pedras brilhantes nos sertões de Taubaté, o regato não tardou a ser um mar. A penúria vestiu trajes de luxo, em poucos anos foi possível endireitar as finanças e esbanjar, por todos os caminhos, o ouro e os brilhantes que foram chegando em quantidades crescentes.

Sou testemunha desta decisiva ocorrência. Na frota em que viajei,

vinha em boa guarda, em grandes arcas no fundo dos porões, uma remessa de ouro amoadado e pedras preciosas. Os brilhantes transacionados em Amesterdão renderam mais de sete milhões de cruzados.

Toda esta azáfama dos dinheiros, do poder e das gentes ficava por Lisboa. Em Sines, as horas eram calmas e mansas, fui aprendendo os costumes daqueles lugares e dos seus povos. Só o mar e o sol faziam lembrar a distante Olinda. O arvoredado, o cantar da passarada, os frutos, os cheiros iam a cada passo avisando que aquela terra não era a minha. Cheguei no verão de dias quentes e céu azul, dos ventos refrescantes tocados do lado norte e das tardes longas. Não conhecia o frio. Ele veio visitar-me em meados de outubro, mesmo contra a minha vontade, insistiu e ficou. Descobri o sabor e valor da lareira, dos grandes braseiros, fui encontrando cobertas para me enrolar. Em dezembro, com a companhia permanente das chuvas e dos gélidos nevoeiros, só a ferros saía do recanto da fortaleza que escolhera como guarida.

De todos os ventos de mudança na minha vida, o que mais senti foi o da mesa, passar da farinha de mandioca, do mingau, das tapiocas temperadas com leite de coco, dos doces sem poupar no açúcar de cana, da caça, das carnes verdes, do peixe fresco e dos frutos sumarentos, para a ração militar feita de pão de trigo e centeio, azeite, toucinho, carnes salgadas, peixe seco, azeitonas, figos passados, amêndoas e castanhas não foi fácil de engolir.

Valeu a palavra sábia e conselheira do alcaide-mor, D. António de Carvalho, que sempre me apoiou, incentivou e em mim confiou. Os seus muitos títulos, honrarias, comendas, senhorios, cargos administrativos, ocupavam muito do seu tempo longe de Sines. Situação que era agravada pelo delicado estado de saúde que o obrigava a procurar em Lisboa os melhores médicos e remédios. O castelo sentinela daqueles mares e os fortes limítrofes ficavam a meu cargo e governança por largos períodos de tempo. Fui durante muitos meses o alcaide-pequeno daquela praça.

O tempo que por lá passei ensinou-me a conviver com as gentes que formavam o importante povoado, sentindo sempre por perto o esteio dos homens-bons da vila e da vereação da câmara.

Tenho em boa memória os pescadores que habitavam no modesto casario junto da larga e funda baía que ficava aos pés da falésia ocupada pelo castelo, igualmente os habitantes das planuras circundantes

de Sines, muitos dos quais trabalhavam a terra que não lhes pertencia, continuam a viver no meu livro das boas recordações.

O peixe fresco e as produções agrícolas da região passaram a compor e a melhorar as rações diárias do quartelamento. Encontrei a guarnição muito mal ataviada e descalça. Procurei fazer melhorias no fardamento, contratando dois alfaiates do lugar, pai e filho, que tomaram a peito a reparação e feitura dos uniformes em falta. Encomendei, num sapateiro vizinho da fortaleza, botas bem ferradas para os soldados que andavam de pés ao vento e ao frio.

A renda que a feitura do calçado e de mais vestimentas acarretavam para o quartel foi, com a benemerência dos homens da câmara, ajustada, diluída no tempo; a guarnição não sofreu, com dureza, cortes nos magros vencimentos.

A fortaleza retangular estava servida de boas muralhas, reforçadas por dois torreões poligonais nas esquinas do lado norte e um torreão arredondado num canto sul. Uma torre de bom tamanho com vários sobrados, voltada para a vila, completava o miolo do grande quartel. Entre os dois torreões geométricos havia uma construção a ameaçar desabar, em adiantado estado de ruína, era voz do povo que o grande Vasco da Gama teria ali nascido.

No flanco sul, uma bateria de peças de artilharia virada para a baía avisava com o seu poder os intrusos. O Fortim de Nossa Senhora das Salas, com o apoio dos canhões do baluarte da ilha do Pessegueiro, completava a defesa da costa. A guarnição de artilheiros e tropas a pé chegava aos cinquenta homens. Com ajuda de uma companhia de ordenanças locais, a que dávamos todas as semanas ensinamento militar, conseguíamos manter postos de vigilância permanentes com rondas apeadas e a cavalo.

Ao primeiro sinal de alerta, com o disparo de uma salva de canhões, os portões do castelo eram destrancados e toda a população vinha acolher-se na segurança dos muros, carregando os bens mais preciosos.

Por minha fortuna, nunca em meu tempo se registou qualquer assalto a Sines. Contavam que, em passado recente, piratas barbarescos, numa madrugada enevoadada, atacaram e saquearam a vila, capturando a população jovem, que foi conduzida a ferros e leiloadada no mercado de escravos de Argel.

Ao largo foram avistadas a pairar fragatas negras suspeitas, os tiros de aviso a rasar os seus cascos foram sempre dissuasores. Nas noites seguintes a estas aparições, acendíamos ao longo da costa grandes fogueiras, um aviso cauteloso a garantir que estávamos de atalaia e preparados para receber forasteiros maldosos.

Os pescadores, que lançavam as redes dentro do alcance dos nossos canhões, regressaram uma mão-cheia de vezes à praia em grande alvoroço. O seu alarido despertava as nossas sentinelas. Eu acudia e podia ver, bem ao largo, os barcos de velas enfunadas a rumarem aos seus destinos. Em todo este tempo, apenas uma vez fomos abordados por uma grande nau, era espanhola e regressava de Cuba. Ainda ao largo com as portinholas dos canhões cerradas, arriou um escaler, um punhado de homens remou até à praia a tentar descobrir onde estavam e a pedir água fresca.

No forte havia cisternas de água doce e sadia que cuidávamos com esmero, serviam de reserva para algum cerco que nos impusessem. Nos meses de estio, em anos de pouca chuva, socorríamos a população enchendo os seus cântaros com água de beber.

Os soldados e artilheiros brincavam aos dizeres com as raparigas que vinham abastecer-se à cisterna.

Havia uma mulher ainda nova, com cabelo da cor do trigo, olhos azuis como um céu luminoso, que fugia das conversas fingindo não ouvir as brejeirices dos soldados. Numa tarde de calor abrasador, a sentinela da cisterna chalaceou-a de modo mais abusador, a que ela respondeu com um silêncio amargo e olhar em terra. Por coincidência fui testemunha de tudo, o militar, ao ver-me, entendeu por bem abastecer sem mais demora o cântaro da jovem mulher, que partiu parecendo levar os olhos rasos de água. Procurei saber quem era a dona daquele ar de mágoa. Na praia, quando assistia à descarga do pescado, cruzara-me dias antes com ela, os nossos olhares estiveram por momentos entrelaçados, senti que entre os dois houvera a vontade contida de trocar um sorriso.

— É a Conceição, a «Arisca» de alcunha — contou um soldado.

Demandeí com muitas cautelas entre a guarnição quem era aquela mulher, fiquei a saber que vivia perto da fortaleza com dois filhos pequenos, casada com um pescador acusado de roubar umas redes de pesca em Setúbal; preso e julgado, fora condenado a muitos anos de degredo a cumprir na Índia. Partiu no dia vinte e cinco de março de mil e setecentos, na nau *S. Pedro Gonçalves*, apenas se sabia ter chegado a Goa a doze

de setembro do mesmo ano. Nunca mais a Sines chegaram notícias do seu viver por aquelas terras longínquas.

Nem uma semana havia passado quando a «Arisca» me procurou na fortaleza, trazia um cesto com maçãs que ofereceu em agradecimento da minha intervenção tranquila junto à cisterna. As maçãs pequenas às riscas finas avermelhadas eram doces e sumarentas. Questionei-me se seriam as maçãs de Eva, decidi tomar sem medo de pecado o papel de Adão, fui devolver a alcofa, aproveitei para finalmente entrelaçar o meu olhar com o dela, que, apesar de ser noite escura, continuava azul e a transbordar de luz.

Saciámos as nossas solidões, criámos, cercado de silêncio, um porto de abrigo onde só, e bem apertados, cabíamos os dois.

Os ventos do pensamento que me empurravam para longe de Sines foram serenando.

Descobri que não era só em Olinda que as aves eram belas e que os seus cantares rasgando as manhãs alegravam os dias. As gaivinas, melros, moleiros, rouxinóis, piscos, verdelhões, abelharucos, andorinhas e pardais tomaram o lugar dos bicos-de-agulha, guarapiras, cariós, chifres-de-ouro, corrós, udus, lambus, macucos e patarronas.

O tom trigueiro das faces da Conceição, o cabelo de palha e os olhos da cor do firmamento foram apagando as ancas dançarinas, a pele morena e os lábios carnudos das raparigas de Olinda.

II

As notícias arrastadas no tempo foram chegando a Sines. Os tambores de guerra faziam-se ouvir por toda a Europa. O nosso rei D. Pedro II, sempre em defesa do império, sabedor dos sacrifícios, fragilidades e danos que a Guerra da Restauração nos havia causado, começou por, em junho de mil setecentos e um, assinar um tratado de aliança com Luís XIV e reconhecer Filipe V como rei da vizinha Espanha.

Em mil setecentos e três, D. Pedro, pressionado pela diplomacia, poder militar e sobretudo naval de Inglaterra, que ameaçava cortar as nossas linhas de navegação com o Brasil, entusiasmado com as promessas formalizadas pelo pretendente austríaco que garantia ceder à coroa portuguesa as praças espanholas de Badajoz, Albuquerque e Valência de Alcântara a sul, e a norte as de Vigo, Tui e La Guardia, bem como a devolução dos territórios portugueses da colónia de Sacramento, a sul do Brasil, cedeu, rasgando o tratado lavrado com o rei dos franceses. Reconheceu o arquiduque da Áustria como o detentor dos direitos à coroa espanhola.

Os ingleses disponibilizaram uma esquadra naval para proteção da costa portuguesa e assumiram o compromisso de colaborar na defesa dos nossos interesses coloniais. Os outros aliados garantiam a Portugal

o fornecimento de armas, pólvora, munições de guerra e canhões. Os custos de manutenção da guerra, soldo dos soldados e abastecimento do exército seriam em grossa fatia suportada pelos membros da aliança.

A cidade de Viena de Áustria, no mês de setembro de mil setecentos e três, entre rezas e cânticos de louvor, proclamou o arquiduque Carlos como rei de Espanha.

Entre os apoiantes do novel soberano, Carlos III, perfilou-se, em dezembro desse ano, o reino de Portugal.

Na vila de Sines, a vida corria como nos dias de paz. As notícias de combates na fronteira e confrontos navais chegavam anunciadas pelos almo-creves e por outros andarilhos que faziam dos caminhos as suas casas.

O ano de mil setecentos e quatro singrava preguiçoso, quase vencia o inverno, quando de Lisboa o correio militar trouxe novidades e instruções.

O novo rei de Espanha, Carlos III, rodeado de um exército, desembarcara em Lisboa.

Em despacho, enviado pelo alcaide-mor, D. António de Carvalho, fui avisado de que deveria reforçar a vigilância, mobilizar e enquadrar todas as tropas locais de ordenanças, ao mesmo tempo, considerando a iminência dos combates, arregimentar e aprestar uma nova companhia de auxiliares. Na mesma carta vinha a informação de que, em abril, o outro rei de Espanha, Filipe V, havia declarado guerra a Portugal.

Nos dias quentes do fim de julho foi dado um alerta geral; ao largo, o mar apareceu povoado de velas, vimos passar com rumo a sul uma grande esquadra, contámos mais de cinquenta navios.

Os ventos das notícias trouxeram, meses depois, a nova: uma força naval anglo-holandesa com alguns barcos portugueses, sob a liderança do almirante inglês Rooke, conquistara aos espanhóis partidários dos franceses a praça de Gibraltar, a grande sentinela do mar mediterrânico.

As notícias que chegavam do interior do Alentejo eram aterradoras.

Filipe V, na liderança de um grande exército, apoiado por forças francesas comandadas pelo duque de Berwick, rasgou a nossa fronteira. Avançaram pelas zonas raianas, desencadearam violentos combates na Beira Baixa e no Alentejo. Ocuparam com mão de ferro as nossas principais praças de guerra e as cidades de Castelo Branco e Portalegre.

O remanso da estada por Sines foi abalada no primeiro dia de setembro com a chegada de um correio militar. Era portador de uma ordem de marcha que iria alterar para sempre o curso da minha vida. Devia com toda a urgência apresentar-me a D. António Carvalho na cidade de Abrantes. O meu padrinho recebera instruções do rei, que lhe confiava uma nova e grande incumbência, a de governador militar da Beira Baixa.

Convoquei os membros da Câmara de Sines, a quem transmiti as instruções recebidas do alcaide-mor. Nomeei, com a concordância da vereação, como comandante da fortaleza o sargento-artilheiro Meneses.

Na madrugada seguinte, levando os meus parques haveres, tomei o caminho.

III

Entreguei os cuidados da preparação da jornada ao soldado impedido que me iria acompanhar. O «Carona», assim era a sua alcunha, mostrou ao longo destes anos dedicação e uma capacidade para encontrar soluções onde parecia só haver deserto. Era um homem capaz de encontrar água fresca no meio de um incêndio. Ficou combinado que me iria empurrar da enxerga ainda não se ouvisse o cantar dos galos.

Depois da ceia escapei-me da fortaleza, procurei entre as sombras do casario o atalho que me levava ao ferrolho da Conceição «Arisca». Foi com beijos e raivas que fizemos as despedidas. Prometi, quase jurei, que havia de voltar, os dois bem sabíamos que as nossas vidas iriam descruzar-se para sempre. Na despedida, num derradeiro enleio, ela fez justiça ao epíteto com que era tratada, mordeu com violência, desespero, o meu ombro e encharcou de lágrimas a farda que eu envergava.

Quando os raios de sol começavam a tingir de luz suave o mar, rompemos os portões e avançámos apontando a Santiago do Cacém. O meu cavalo ia num passo cansado, preguiçoso, os seus melhores anos eram uma velha recordação. O «Carona», colado a mim, montava um garboso e travesso macho, praguejava com ordens secas, incentivando, esticando e puxando à arreata uma mula de dentes amarelos, que bufava debaixo do peso dos nossos atavios.

A dentada no ombro que recebi como prenda de despedida da «Arisca» latejava a cada solavanco ou aceleração do passo. A dor que sentia era doce e saudosa, trazia ao pensamento os bons anos que passara na velha fortaleza.

Os dias iam quentes e secos, tivemos de nos abrigar no castelo de Santiago do Cacém. A guarnição era pobre e maltrapilha, chegámos ao fim da manhã. O comandante, um sargento com sinais e trejeitos de estar bem bebido, relatou notícias a garantir que um exército espanhol, comandado pelo marquês de Villadarias, conquistara Castelo de Vide e avançava pelo Alentejo. As suas patrulhas foram avistadas nas imediações de Ponte de Sor.

Entendi, aceitando o conselho do sargento, tomar a direção de Alcácer e depois tocar para perto do Tejo, íamos procurar varar o rio entre Almeirim e Santarém. Seguimos em bom trote aproveitando o terreno plano, galgando as léguas e fazendo paragens curtas. Depois de duas pernoitas ao abrigo do firmamento, tendo como chão terrenos arenosos, atingimos o rio Tejo. Batemos a margem sul por carreiros apertados, só depois da Chamusca cortámos o rio, continuando na direção de Torres Novas. No dia seguinte, cansados e sujos, tomámos a estrada para Abrantes.

O meu fiel impedido não parou de me surpreender, além de preparar os acampamentos de pernoita, procurando locais sobranceiros que nos permitiam detetar a chegada de estranhos, encontrou sempre água por perto e conseguiu, com pequenos laços-armadilha, convencer, em todas as paragens, um coelho a entrar na nossa panela. Mal escolhia o acampamento dava uma pequena volta a espalhar armadilhas, ou «búizes», como chamava aos laços, vinha cuidar dos animais, juntava lenhas, acendia uma fogueira; quando a água começava a ferver, dava uma volta ao arraial. Regressava de alforge atestado com uvas ou um sumarento melão e maçãs que batizava de malápios; no fundo do saco, um laparoto vinha alegrar a refeição.

Vi o «Carona» fazer o gesto por diversas vezes. Parava a montada, voltava-se para o caminho percorrido, fincava os pés nos estribos, levantava-se do macho; colocando a mão sobre os olhos, parecia esquadriñar o caminho percorrido. Imaginei que tentava descobrir se os nossos passos eram seguidos por quem não devia, todos sabíamos haver assaltantes acoitados pelos matos à procura de viajantes que levassem mulas com

guizos de prata. Nós, dois soldadinhos, afundados nas areias da grande lezíria, não seríamos presas apetecidas. Acabei por o questionar sobre o que tanto o parecia preocupar:

— É a minha mulher! Vem aí numa galera, com os meus filhos e três irmãs.

Apeteceu-me desancar o «Carona», viajar com todo este lastro e nem uma palavra ter adiantado. Terminou a conversa dizendo:

— Elas não pesam, vão ser cantineiras da soldadesca. A guerra vem a caminho.

Entendi ignorar, toquei o meu velho cavalo, que, de orelhas murchas, ia avançando com sacrifício, sulcando com passo lento os caminhos arenosos da nossa jornada.

Finalmente, ancorada num monte extremo, como um cabo sobre o oceano, Abrantes abriu as portas, mostrando a seus pés o rio e uma planície cheia de sol e verde de tamanho sem fim.

IV

A cidade de Abrantes fervilhava de militares, muitos com fardamento bem diverso do que eu estava habituado a ver, eram holandeses e ingleses. Em todo o perímetro da zona muralhada havia obras de reparação e grandes acrescentos. Juntas de bois puxavam pesadas cargas de pedra aparelhada que iam reforçar as velhas e cansadas muralhas. Novos canhões, vindos pelo rio desde Lisboa, eram puxados à força de braços e colocados em baluartes, com as paredes ainda a cheirar a cal fresca.

Na agora praça-forte ericada de bastiões, herdeira do velho castelo, não foi difícil encontrar quem me conduzisse à presença do meu alcaide-mor, D. António de Carvalho. Estava detido na cama, debilitado e febril, a força da Amazónia não era fácil de dobrar. Pareceu ganhar vida e coragem quando me viu, foi com muita preocupação, mas confiança, que descreveu a situação da guerra e as operações para os próximos tempos.

O exército espanhol de Filipe V, engordado por tropas francesas, tomara de assalto toda a província da Beira Baixa. Avançaram num roldão de fogo e sangue, destruindo e matando quem tentasse travar a sua cavalgada. Na vila de Idanha-a-Nova saquearam, violaram e chacinaram quem lhes caiu nas mãos. Em Monsanto, depois de violentos confrontos, lograram entrar na fortaleza. Os soldados sitiados, sem munições, nem

alimentos, não puderam continuar a luta; em castigo pela sua determinação e valentia, as forças invasoras degolaram toda a guarnição, lançando ondas de medo e terror por muitas léguas. Castelo Branco, que estava defendida por um corpo militar, reforçado por forças holandesas sob o comando do barão Nicolas Fagel, foi esmagada pela superioridade numérica dos invasores; as nossas tropas sofreram pesadas baixas entre mortos e capturados. Ao fim de quatro dias de violentos combates, a cidade assistiu, vergada, à entrada vitoriosa de Filipe V e do seu séquito de generais. O barão Fagel conseguiu reunir e salvar uma fração das forças; acossado pelos espanhóis, logrou chegar e aquartelar-se em Abrantes, onde aguardava novas ordens.

O governador da Beira, D. António Luís de Sousa, o marquês das Minas, aquartelado em Almeida, reuniu uma aguerrida força militar reforçada por contingentes vindos do Minho e Trás-os-Montes, marchou em direção ao sul, varou a fronteira e atacou a vila espanhola de Fuentequinaldo, tentando travar a pressão de Filipe V e do seu poderoso exército de quase quarenta mil homens espalhados pelas praças da Beira Baixa.

O marquês das Minas retornou a Portugal, desbaratou nas imediações de Monsanto um exército inimigo comandado por D. Francisco de Ronquillo.

O conde de Galveias, governador de Armas do Alentejo, com tropas de cavalaria frescas, retomou Moura, que fora incendiada e saqueada, e invadiu o território espanhol, apresando a vila de Puebla de Guzmán.

Do sul chegaram notícias preocupantes, uma esquadra francesa bombardeou pesadamente toda a costa algarvia. Acreditava que Sines, já na costa ocidental, escapara a esta provação.

Naqueles dias do princípio de setembro eram estas as notícias da luta que se desenvolvia em todas as frentes.

A nova que causava mais admiração e espanto era a confirmação da tomada pelos ingleses da praça de Gibraltar. Constava que Filipe V ultimava um grande exército para tentar a sua recuperação.

D. António de Carvalho, apesar das suas limitações de saúde, fora nomeado como o futuro sargento-mor de todas as praças-fortes da Beira Baixa, situação transitoriamente adiada, considerando que Filipe V permanecia em Castelo Branco. Ofereceu-me o lugar de oficial ajudante e despachou a minha promoção ao posto de capitão.

Instalei-me com a prestimosa ajuda do «Carona», tentando recuperar

o corpo da última jornada. O meu impedido tomou por sua conta o tratamento da minha farda e até desencantou, sabe Deus com que artes, uma gineta, um belo e trabalhado espontão com borlas na base da lâmina, símbolo do cargo e posto a que fora promovido.

Preguicei por uns dias e bem fresco, dormido, alimentado e limpo, fui chamado à presença do meu padrinho, que continuava amarrado à cama. Tinha uma vistosa prenda para me ofertar, uma bengala com um castão prateado e liso, insígnia que a maioria dos capitães exibia.

Desabafou sobre o seu debilitado estado de saúde o impasse da guerra nas terras da Beira Baixa, que o levaria a permanecer por compridos meses em Abrantes; queria saber da minha disponibilidade para me juntar às forças que D. Pedro estava a arregimentar na Guarda. Dei de pronto o acordo, D. António de Carvalho confiou-me uma carta fechada e lacrada com o seu sinete, de que deveria ser portador para D. João de Sousa, tenente-general da cavalaria e filho do marquês das Minas.

Avisei o «Carona» para fazer os aprestos para a jornada e na madrugada seguinte, desta vez integrados num grupo de cavaleiros, tomámos a estrada na procura da serra da Estrela. A viagem foi dura e lenta. Tivemos de evitar os termos de Castelo Branco e os caminhos do Fundão e Belmonte; começámos por seguir para Vila de Rei, em jornadas dolorosas fomos até Penela e de lá rumámos à vila da Lousã. Torneando a grande serra, avançámos para perto de Seia, chegámos cansados e destroçados a Celorico, finalmente fizemos a ascensão para a Guarda, onde entrámos no anoitecer do dia dezassete de setembro.

Esta caminhada mostrou-me um Portugal novo, cheio de montanhas com encostas a pique, florestas, vales profundos e grandes fragas. Durante toda a jornada não choveu e as noites foram amenas, fazer esta cavalgada com mau tempo levaria semanas e teria riscos difíceis de antever.

Os campos em torno das muralhas da Guarda estavam tomados por um enorme acampamento militar. Metemos para o centro da cidade, entrando pela Porta da Erva; como a noite caía depressa, pernoitámos dentro do muramento junto à Porta do Rei.